

Elisa Costa

I.N.S.P.I.R.A



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA

Elisa Costa

I.N.S.P.I.R.A



Periodicos
EDITORA ACADEMICA

Projeto Gráfico, editoração, capa
Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma
Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I59 Inspira / Elisa Costa– João Pessoa: Periodicojs editora, 2025.

E-book: il. color.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-6010-162-3

1. Conto. 2. Escola. I. Costa, Elisa. II. Título.

CDD 869

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira: 869



Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: [@periodicojs](https://www.instagram.com/periodicojs)

Prefácio

I.N.S.P.I.R.A

Te convidamos a pensar conosco e a conhecer algumas dessas pessoas inspiradoras...

O que nos inspirou/inspira, foi perceber essa capacidade de superação de um povo bonito, REAL, sofrido e resiliente. Não vamos aqui pintar o mundo com flores, como se tudo e todos estivessem a mesa dos santificados. Não, não é isso.

Inspiração é um ato sublime de encantamento que em um estalar de dedos, pinta de cor um mundo inteiro. Isso significa que antes das cores, vieram os tons apagados ou muitas vezes a ausência completa de qualquer cor. (Des) colonialista é aquela escrita que sai leve e solta, sem obrigações de uma escola escravagista e colonial, que

entrega papel e lápis a todas e todos e celebra suas histórias com cheiro e aroma de memória pelo olhar do colonizador.

Nunca é fácil se sentar na carteira de uma escola, cada qual sabe bem sua trajetória. O que temos aqui é que você que está lendo agora esse pequeno livreto, não sabe e muitas vezes nem imagina o tamanho desse universo que chamamos de Povo Romani ou os assim chamados ciganos, para respeitar as autodenominações sérias aqui presentes.

Usar o termo “Povo Cigano” é falar sobre muita estrada recheada de estigmatização e romafofia. São filmes, reportagens, grupos em mídias sociais com conteúdo raso, mistificado e baseado em um suposto conjunto de pessoas ou muitas vezes em uma pessoa só, que pouco sabem ou quase nada sabem sobre tais questões. A educação em todas as suas vertentes e meandros é, portanto, uma condição única de alinhamento, realidade e possibilidades. Cigano denota perseguição, escravidão, nomadismo imposto e por aí vai. Criado por não pertencentes a essa etnia, a esse Povo.

Somos muitas/os, somos diversos, somos gente e somos cidadãos e cidadãos brasileiros, mesmo que fora do

que se imagina ser ou pertencer a essa etnia.

Longe de esgotar todas as nuances e facetas, estamos aqui para mostrar um pedaço de quem de fato somos, inclusive, da resistência que nos mantêm em pé. Os relatos na primeira pessoa deixam claro que a base de cada um e cada uma está alicerçada na resistência do dia após dia, longe do mundo encantado que pintam. Cada braço familiar aqui é posto pela pessoa que fala.

O fascínio de outros, por vezes amplia o estereótipo e nos tira aquela porção humana, tão necessária a vida e que de fato nos colore os anos e os dias.

Tudo aconteceu naquelas mesas grandes que a gente começa a conversar e a chegar a algumas conclusões. Pois bem, foi isso que fizemos e eis um resultado inspirador e emocionante. Foi escrito a muitas mãos.

Inspirador porque rompeu fronteiras e inovador porque quando se pensa em romper ventos ... aí estamos nós, aí estamos todas e todos nós.

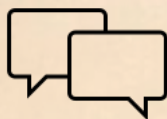
O fascínio com algo ou a inspiração em si, independe da idade, do sexo e depende exclusivamente a

cada um/uma, dar esse empurrão ou ver o tempo passar.

Como fizemos?

Propusemos um questionário com perguntas identitárias e com o questionamento: O que te inspirou a estudar?

Deixamos a identificação livre. Nome inteiro, letras iniciais, primeiro nome. Vítza, família e gênero. Formação e sonhos.



As vezes difíceis de se expor, por vezes, fácil de decifrar. A liga de todas as falas é sem dúvida a capacidade de romper com destinos traçados pela romafobia e a força dos estereótipos seculares, tantas vezes ignorada, de pessoas, seres humanos, dispostos a conquistar seu lugar no mundo – simples assim.

Escrita livre. D E S C O L O N I A L I S T A.

É superação pura. Pessoas que não se enquadram nas regras exatas, ou das regras da etnia ou do mundo

ou das duas. Pessoas normais, sem estereótipos que não tipificam e muito menos analisam pelo menorismo ou pela ignorância. Vale lembrar que ousar pensar fora da caixinha requer coragem.

É inovador – as pessoas falam de si mesmas na primeira pessoa.

É livre – apenas escreva, conte e talvez compreenda que não foi a única/o.

Gosto de pensar que pessoas são universos e, portanto, nunca estão sozinhas. O exercício constante para transformar sonho em realidade, nos dá musculatura no exercício de nos tornarmos melhores. Talvez vocês conheçam milhares de pessoas que romperam ventos e atravessaram tempestades, para conseguirem existir entre papel e lápis. Talvez não conheçam nenhuma. Não tem problema. Hoje trazemos pessoas inspiradoras.

Elisa Costa,
Lucimara Cavalcante,
Vória Stefanovsky

Agradecimento

“Que menino é esse que sobe em árvores, atravessa rios e consagra histórias. Que menina é essa que rompe fronteiras, que embala sonhos e conquista o mar.”

Quem é essa menina que rompe fronteiras, que ousa sonhar e conquistar bandeiras. Essas e esses são os aqui estão. Elas e eles abrem caminhos, rompem estradas e conquistam novas fronteiras dia após dia.

Desobedecem a destinos e insistem em continuar. Quantas vezes você já deve ter se perguntado se era o certo ou se valia a pena, ou mesmo se conseguiria?

Em nome das mulheres e homens da AMSK/Brasil, parceiros e parceiras de anos na construção de sonhos e realidades. Obrigada por não terem desistido, obrigada por terem levado orgulhosamente junto com vocês um pedaço de todas (os) nós, um bocado de esperança, uma porção de teimosia e a certeza de que o nosso papel no mundo é onde a

gente quiser que seja.

Organizadoras:

Elisa Costa, Vória Stefanovsky e Lucimara Cavalcante

Colaboradora:

Carolina Guimarães Barbosa

Capa:

Bruno Torquato

Além de 26 mulheres e homens que teceram a possibilidade de tudo isso se concretizar. Aqui, um pedacinho de 26 universos.

Sumário

A única coisa que não podem roubar de você

14

A escrita ... um norte

15

Novos ventos

17

Perto da água, sempre perto do mar

19

Um mundo transformador – minha inspiração

22

Quem transforma a própria vida, muda o mundo

23

Um anjo ... uma anja ...

25

Escolhas e processos da vida que segue

27

As pipas que rompem ventos...

29

No meio do caminho a cura

30

Nasci de ventos e tempestades e continuo andando

32

Optar por ser feliz

35

Doutora sim, por que não?

40

A vitória é luz, tocha que clareia o caminho

42

Teci o meu caminho

46

Escolhi meus caminhos

49

Meu esquadro, minhas regras

51

Ainda estamos vivos, certo?

55

Sou as minhas raízes

57

Conto pedras para construir caminhos

58

Sigo adiante ... as respostas estão logo ali

60

Construí, sigo construindo. Construirei ainda mais

61

Inspirada nas mulheres que amo

63

Filosofias ... vidas

66

Aprendendo a voar

67

Meu sonho possível

69

As mulheres da AMSK/Brasil

71

A única coisa que não podem roubar de você

S.C.F.T – Rom/Kalderash

A vontade de conhecer sempre foi minha real motivação para estudar, a curiosidade de aprender e entender o que existiu antes da nossa existência, conhecer aquilo que veio antes de nós, entender os processos da construção da sociedade humana e os porquês do desenvolvimento das sociedades ou seu não desenvolvimento, as teorias e as extinções de povos inteiros.

Entender onde as coisas progrediram e onde elas se perderam. O porquê que as coisas acontecem de uma forma e não de outra, o porquê que muitas sociedades foram extintas e outras não, entender a vida e aonde eu me coloco nisso tudo.

Estudar e adquirir o conhecimento a sabedoria e o discernimento do certo e o errado é o que me mantém viva, renascendo todos os dias através das descobertas que o estudar me proporciona.

A escrita ... um norte

Albaniza Ivanovichi/Matchuana

Meus pais, pouco sabiam ler, mas me incentivaram, cada um à sua maneira. Meu pai me presenteava com literatura de cordel e minha mãe fazia uma peregrinação nas escolas pleiteando bolsas de estudo. Tiveram dez filhos, sou a única com formação superior.

Me chamo Albaniza Castro Rodrigues Ivanovichi, segmento Kalderash. Nascei em Fortaleza- CE, filha de Alda Castro Rodrigues e Antônio Martins Rodrigues. Formada em Administração de Empresas e especialista em Gestão do Terceiro Setor, graduanda em Psicologia com formação para 2025.

Escritora, autora de No Meio do Tempo – Lamentos de uma Cigana, contos: A Casa da Colina, Noite de lua cheia, participação em: Conexão Literária, 20 Marias em um Grito RN e Vol. III, Revivendo Versos, Da tormenta brota a Poesia, Oxente – Poetas do Nordeste, Velas, mulheres e

poesia.

Ser cigana é sentir a vida de forma diferente. É rodopiar ao som da viola, voar livre nas asas do tempo, sentir na pele o calor das fogueiras, é dançar ao som do vento e ficar feliz com o desalinhar dos cabelos. É sentir que a chuva escorre pelo corpo e perceber que isso é delicioso. Ser cigana é sentir que a vida, mesmo áspera guarda um toque aveludado.

Novos ventos

Natasha/sinti

Minha inspiração para estudar começou de muito cedo através dos meus pais que conseguiram melhorar de vida através dos estudos. Minha mãe teve mais dificuldade por ser Roma/Sinti, mas ela conseguiu. Além disso meu pai, nordestino de família muito humilde conseguiu melhorar de vida através de uma bolsa de estudos em um bom colégio. Então desde cedo eu já percebi que a única maneira de prosperar é por meio dos estudos.

Sempre tive medo de não conseguir, acho que por ver a dificuldade dos meus pais e principalmente da minha mãe para estudar. Na minha infância passei situações de preconceito na escola, embora eu não falasse que era cigana para evitar problemas as pessoas percebiam algo diferente e às vezes associavam com outras coisas.

Diziam que eu e minha irmã tínhamos cara de bruxa, associavam com os hippies. Sofri bullying da

professora que dizia que eu era uma incompetente e não conseguiria nada na vida...embora eu não falasse que era cigana parecia que percebiam algo diferente. Nas raras vezes que falei as vezes não entendiam e associavam com algo místico, perguntavam se eu sabia ler mão ou às vezes achavam que eu era uma pessoa ruim. Uma vez comentei a uma amiga brasileira que também estuda medicina aqui no Uruguay e ela disse “realmente você tem uma cara assim alternativa, cara de quem vai ser presa”. E eu percebo que não sou a única cigana que evita falar da origem para evitar mais preconceito. Na faculdade conheci uma enfermeira que também adotava mesma postura.

Perto da água, sempre perto do mar

Ítalo – Rom Lovara

Bom... acredito que pelo fato da minha falecida mamãe ter saído da casa de seus pais na área rural para vir para a cidade grande trabalhar em casa de família em troca de moradia e estudos foi um grande exemplo do que é querer ser educado e buscar pela educação. Meu avô paterno é um grande exemplo para mim, ele é gadjo, mas, sempre me incentivou a estudar até porque ele é professor de Matemática e Física, e meu pai é formado em Engenharia da Produção. Minha mãe também foi muito importante para mim, um exemplo verdadeiro de esforço e desejo de aprender, pois, ela deixou de estudar e trabalhar para poder criar a mim e a minha irmã, e há 3 anos ela retornou aos estudos no EJA e eu tenho ajudado a ela nessa conquista, como forma de agradecer o sacrifício que ela fez para eu estar onde estou. Poder ser o primeiro bisneto, primeiro neto a estudar em uma universidade federal é um orgulho

para mim, e sempre que estou caminhando, lembro de cada um dos meus familiares que me apoiaram e me apoiam.

Deste modo, eu cresci em um ambiente onde pude ver de perto todos aqueles que saíram da escassez para batalharem por boa educação e formação profissional. Hoje com 18 (quase 19 anos), estou cursando Licenciatura em Geografia no Instituto Federal Fluminense (IFF) em minha cidade natal. O que me motiva a ser professor é o desejo imenso de transformar a educação no Brasil. Levar conhecimento PARA o povo roma e SOBRE o povo roma para as escolas. Nossa participação na construção do Brasil é sim muito importante, contudo, o apagamento que nosso povo sofre é gigante, e eu quero transformar esta triste realidade.

Meu desejo é fazer com que o povo tenha olhares voltados para nós e para nossa cultura, e tudo o que temos para contribuir e enfatizar tudo o que já contribuimos para o Brasil e para o mundo de forma imensamente importante. E para isso, não vejo outra forma de conquista a não ser pela educação.

Lembro de uma frase que me disseram quando
novo: “te sityal si ekh may but importantni buki amenge.”
Sem educação nada funciona!

Um mundo transformador – minha inspiração

M.V - Kalon

Eu não me recordo de algum momento em que literatura e estudo não foram importantes! E toda vez que ligavam o analfabetismo às etnias ciganas eu me sentia muito mal!

Me sentia privilegiada de um jeito ruim ou até mesmo destoando da minha própria cultura, uma vez que a oralidade é tão vigente entre nós. Meu avô materno (que é meu descendente cigano mais próximo) não concluiu estudos, mas exigiu isso da minha mãe e tios então eu cresci num ambiente onde isso era e permanece sendo importante, hoje convivo com primos que conheci na internet e que são formados, pós-graduados, mestrando ...

Isso é muito transformador. E eu gostaria muito que houvesse programas sociais e/ou políticas públicas para abranger especificamente esse ponto de forma acolhedora aos parentes que ainda estão em toda e qualquer situação de vulnerabilidade.

Quem transforma a própria vida, muda o mundo.

Lucca/Kalon

Na questão da educação sempre foi uma pauta muito debatida na minha família, e o apoio era inexistente com exceção do meu bapu, que sempre insistiu, tanto com minha avó, esposa dele, quanto com o meu pai, de que os tempos estavam mudando e que eu merecia ter um futuro e uma educação de qualidade, eu devo tudo a ele, foi o primeiro da nossa família a ingressar na carreira acadêmica, fez engenharia, além de tudo, como um bom kalon, era amante das artes, sinto que puxei esses aspectos dele. Após todas as turbulências da vida me formei na escola, e ele já não estava mais aqui.

Decidi então ingressar em uma universidade, passei na primeira chamada para Farmácia na UFRRJ, e hoje estou aqui. Co-autorei meu primeiro artigo já no quarto período do curso, que será em breve publicado, e entre tantas realizações, me surgiu a ideia do projeto Rural

Romani, que não só engloba a vivência da comunidade dentro da universidade, mas também a presença do nosso povo na ciência brasileira, seja em áreas de pesquisa ou áreas médicas, nós existimos, nós estamos aqui ...

E eu espero, realmente, fazer a diferença um dia.

Um anjo ... uma anja ...

A.T - Kalon

Minha mãe veio do interior do estado para a capital com uns 15 ou 16 anos para fazer faculdade.

Ela é a mais nova mestrande de Ciências Sociais da UFRN e umas das melhores sociólogas do país! E ela sempre foi muito convicta enquanto a importância do estudo; ela deixou claro que gente não-branca não pode se dar o direito de ser burro (e não só no sentido acadêmico, mas para a vida também; estudo não é só sala de aula).

Mesmo sendo criada fora da comunidade, ela sempre ficava me chamando de ciganinha linda, dizendo que agradecia como eu parecia nossa gente, como eu pareço nossos ancestrais, então, depois de um tempo, comecei a ver o mundo acadêmico como um lugar que eu preciso habitar e tomar para o nome dos meus.

Já sofri violências raciais em ambiente escolar, mas eu nunca quis desistir porque pensei que virão outros

depois de mim e eu sinto que eu posso ajudá-les em sua vez.

Tenho vontade de ajudar em projetos para educação e formação popular não-formal e um dos motivos é porque sei o medo que as famílias têm de mandar suas crianças para a escola formal, principalmente quando pequenas, quando provavelmente ainda estão trocando palavras da língua materna e do português. Eu ainda não alcancei todos meus objetivos, até porque tenho 18 agora, mas a comunidade em si me motiva. Quero dar orgulho e honra aos ancestrais e ver mais jovens também tomando seus espaços de direito.

A liberdade é nossa por direito.

Espero que sejamos livres de medos e preconceitos.

Escolhas e processos da vida que segue

M.L - Calon

Acho q como muitos ciganos, por conta de estigmas e perseguição, minha família optou pelo ‘apagamento’ de nossa história, e preferiu viver como gadjes, para que os que viessem depois tivessem mais oportunidades.

Embora uma ou outra coisa de tradições e língua tenham sido minimamente preservados, nós basicamente não fomos criados na tradição, e sempre fomos cobrados de modo muito forte sobre estudos e educação, justamente pela acreditação de que esse seria o único caminho de “sermos alguém na vida”. Então todos nós, principalmente as mulheres da família, fomos sempre “empurrados” ao estudo e independência, como modo de autoproteção e de manutenção de liberdade de escolha.

Dessa maneira, temos professores de diversos segmentos na família, bem como profissionais da área da saúde, engenharia, arquitetura, todos com a característica

comum de sempre permanecer estudando e se aperfeiçoando. E por mais que em vários momentos sinta que existe um “buraco” de pertencimento, não julgo as escolhas familiares, e agradeço por sempre terem sido tão incisivos com relação aos estudos.

As pipas que rompem ventos...

André - Calon

Nunca tive pessoas da minha etnia para me inspirar nas áreas que eu sonhava atuar, mas a vontade e a energia de minha vó em me dar um futuro acadêmico e com mais “seguranças” do que todos os familiares já teve me incentivou a continuar estudando e não só foi o suficiente para me inspirar a continuar como também a não temer ser o primeiro a alcançar um lugar e mostrar para os mais novos que eles também podem.

Hoje não mais me assusta ser o único cigano ocupando os ambientes de trabalho que ocupo, mas quero fazer o possível para que haja cada vez mais.

No meio do caminho a cura

T.M - Calon

Não sei me expressar muito bem, mas, vou tentar ...risos... venho de uma família que a sua maioria atua na área da saúde, não fui diferente... talvez, em algum momento, sem nem eu mesma perceber, a doença de meu pai tenha feito com que eu fizesse um curso e em seguida outro, e talvez esse fato tenha sido a maior influência ou incentivo para que eu continuasse querendo aprender cada vez mais para cuidar dele, ou achar uma cura. Assim fiz enfermagem e biomedicina... mas influência de pessoas, são os da minha família que vieram antes de mim, praticamente todos ligados à medicina, não tinha muito como fugir disso... eles foram muito importantes porque romperam barreiras.

Não sei se era bem isso que deveria relatar... mas espero de alguma forma ter ajudado.

E o e-mail é de minha mãe... não consegui entrar com o meu por causa de problemas com a senha ...mas não

queria deixar de responder, espero que mesmo assim esteja valendo e que vcs consigam alcançar bastante pessoas.

Obrigada.

Nasci de ventos e tempestades e continuo andando.

Ana – Rom/Polska

Minha avó é filha de Rom e Sinti. O pai sinto, vindo da Itália, teve uma educação privilegiada já que a família tinha um poder aquisitivo maior (eram comerciantes em Napoli). Já a mãe Polska e todo o lado vindo da Polônia, era analfabeto (mulheres) ou analfabetos funcionais (homens).

Minha bisavó aprendeu a escrever depois de casada, com meu bisavô ensinando. Foi meu bisavô que insistiu para que os filhos (tiveram 4, sendo minha avó a segunda) estudassem. Ela tem segundo grau completo e não seguiu os estudos pois se casou. Mas a ideia de que os estudos eram importantes ficou com ela e ela fez das tripas coração para dar essa oportunidade aos três filhos.

Minha avó foi (e é) muito revolucionária: contra tudo, pediu o desquite do marido que era fisicamente abusivo, mudou sozinha de cidade e criou os filhos sozinha, até se casar de novo com um gadjo aos 40 anos. Ela nunca

abandonou as tradições e sempre fez questão de se colocar no mundo enquanto cigana, peitando a família e qualquer um que a criticava. Minha mãe e meus tios formaram na faculdade graças ao apoio e insistência dela. Da mesma forma, ela fez isso comigo também.

Fui criada por ela pois minha mãe sofreu de forte depressão pós-parto. Minha avó sempre me fez estudar tudo que via pela frente: me ensinou a ler e escrever antes mesmo de eu entrar na escola, me colocou em aulas de piano e violino a partir dos 3 anos, quis me ensinar a dançar (mas eu não quis kkk), falava comigo em português, polonês e romani misturado para que eu aprendesse a fluência em todos (mas infelizmente peguei apenas mais o português kk) e sempre, sempre, sempre me disse que a liberdade só viria por meio dos estudos. Que eu parasse qualquer coisa, mas nunca de estudar. Assim, eu também tive uma educação privilegiada e hoje sou pós-graduada em Ciência Política, Assessoria Parlamentar e Análise de Discurso.

Eu considero minha avó como a luz da minha vida, minha grande inspiração e alento. Ela sempre me apoiou

em quaisquer jornadas de conhecimento que eu iniciava; juntamente com minha mãe me presenteava com livros, ajudava em pesquisas em enciclopédias e bibliotecas.

Minha formação é motivo de orgulho para ela e eu fico feliz em dar esse orgulho. Mesmo que tenhamos tido desavenças por eu me assumir lésbica (e, muito apegada à valores e ideais tradicionais e homofóbicas, ela tenha ficado 6 anos sem falar comigo - hoje, já nos entendemos melhor), foi o espírito liberal e livre dela que me abriu às portas para que eu me colocasse para o mundo enquanto romni e profissional política, com consciência das dificuldades do nosso povo e da nossa cultura na representação constitucional.

Optar por ser feliz

Catherina – Rom/Kalderah/Greco

Nasci no ano em que minha madrinha voltava de 1 ano de estudo no sul da *. Ela que me deu o nome. Foi dela que puxei minhas principais paixões: ler, boas cervejas e bons vinhos e a saber reconstruir a vida, todas as vezes que forem necessárias. Ela estava se aperfeiçoando na arte de resistir.

Vim de uma família de mulheres silenciadas, mas fortes. Tive 3 filhos - a mais velha tem meu nome e o nome da minha madrinha, o do meio é um menino - bonito, forte e muito velho, parece ter uns 100 anos, o mais novo não está mais entre nós, voltou para casa.

Minha mãe não tinha mais tanta força para me apoiar, a pressão era grande, minha avó, já havia feito sacrifícios demais, meu pai tinha um único sonho, que fosse feliz. Qualquer briga ou implicância sumiram, quando os netos nasceram.

Minha madrinha me dava coleções educativas ...
junto com anel, pulseira, vestido e curso de inglês.

Aprendi a amar o cheiro dos livros e dos pães com ela. Quando terminei o segundo grau, em silêncio, era mais que hora de casar. Abri mão de tudo para fazer um intercâmbio - hilário, meu pai foi comigo.

Na viagem de 30 dias, ele se encontrou com um amigo de infância (e primo) e aí conheci o filho dele (meu primo) ... por aqui fiquei, me casei e estou aqui, com um receio danado de escrever essas coisas.

Hoje, quando olho, vejo tudo o que aconteceu, toda a trajetória e tudo o mais, penso que para além de vencermos tantas coisas, como o silêncio, o medo, os dois mundos em que vivo constantemente, ainda precisamos uma pontinha de sorte.

Ir tentando, ajustando as coisas. Por causa da gravidez, interrompi os estudos, terminei mais tarde e hoje tenho uma clínica que junta minhas paixões: cuidar, leitura, comida e respeito. Nunca imaginei chegar até aqui. Meti o pé na porta inúmeras vezes, mas, cuido da casa e

das crianças em paz. Amo a minha profissão de terapeuta e homeopata e ajudo a minha madrinha nessa empreitada desde 2014.

Até hoje, ela me manda livros, textos, estudos e teses. Como ela diz: não deixe de aprender nunca e nem permita que a coragem pule a geração dos seus filhos. A menina quer medicina e acho que vai ser isso mesmo. O menino vai para a área da justiça...certeza e quem sabe pulamos essa estatística dos 10 anos para que uma geração rompa com a falta de educação. Nem eu e nem meu marido, esquecemos quem somos e nem de onde viemos e nem porque todas as trajetórias anteriores foram feitas. A família do meu marido veio para os Estados Unidos, quase na mesma época que a minha foi para o Brasil.

Meu pai ainda pisca o olho quando conto que me casei porque me apaixonei kkk - melhor assim.

Não há regras de vestimenta, de comportamento obrigatório ou as barbaridades que costumamos ver no Brasil por exemplo. Tive a sorte de ter duas mães. Minha mãe costumava dizer: escolhi sua madrinha, porque já me

faltavam forças. Ela ainda é nova, vai conseguir brigar as suas brigas. Vamos começar a refazer os passos da medicina que aprendi em casa, junto com minha madrinha e avançar no tratamento de assuntos proibidos como a depressão, o suicídio, o assédio e a violência psicológica.

De dentro para fora. Voltar para casa todos os dias, depois de um dia produtivo é construir com meu marido o passo a passo do que pensávamos quando nos casamos. Ele cuida da vida e eu das emergências é assim que classificamos.

Uma curiosidade: puxei da minha madrinha e da minha avó. Ninguém manda em mim e nem me dá ordens, então, tive que ser dona do meu consultório.

Na época do meu batismo, com direito a fogueira, banho de ouro, toalha de renda grega e 3 dias de Slava em outubro de 1988, minha madrinha me contou que foi difícil aceitarem ela como madrinha, mas, que na cabeça da minha mãe e do meu pai, lhe deviam muitos favores e muitas obrigações.

Eu nasci muito triste e muito doente (dizem que

era a doença dos antepassados) ou doença de guerra. Minha madrinha chegou e disse, vamos batizar essa menina, o que ela tem é mal olhado. Devo a ela minha paixão pelos livros que me abriram os olhos para o mundo, devo a ela aquela sensação de um abraço que vence o mundo e todas as guerras.

Ela me inspira a cruzar a porta da minha casa todos os dias. Como ela me diz desde criança: “Você nasceu pra vencer, vença. Somos mulheres, somos tempestade e calmaria. Aprenda com tudo que acontecer na sua vida, a cada passo. Não desista de ser quem é, nunca e por ninguém, porque na vida a gente só se arrepende do que não faz. Viva. Eu estarei logo atrás de você, sempre.”

Minha inspiração vem de mulheres que romperam destinos, que não aceitaram os lugares que foram impostos. Comecei a pensar em um mestrado ...

Doutora sim, por que não?

Aline Miklos – Rom/Kaldersh

Na minha família os meus avós e os meus pais sempre nos incentivaram a estudar, então eu nunca pensei em não fazer uma faculdade. No entanto, para eles um diploma de graduação já era de bom tamanho. Eles realmente não entenderam por que eu comecei a fazer o mestrado e posteriormente o doutorado. No entanto, a pesquisa só começou a fazer sentido pra mim quando eu conheci as pesquisas acadêmicas sobre o povo romani e quando eu fui aluna do Marcel Courthiade e do Saimir Mile em Paris. Eu nunca tinha ouvido falar em um rom dotor e muito menos em que se pode escrever e ensinar a língua romani. Perceber que tudo isso era ensinado na universidade (INALCO) para mim foi uma surpresa.

Eu sempre fui incentivada a estudar, até mesmo por muitos rom que nunca tiveram essa oportunidade. No entanto, às vezes me sinto muito sozinha nessa trajetória.

Primeiro porque eu nunca estudei com uma pessoa romani na universidade (no colégio sim porque todos os primos eram enviados para a mesma instituição), depois porque esse mundo às vezes parece extremamente distante do mundo do qual eu vim.

Defendeu o Doutorado em 21 de fevereiro de 2025.

APROVADA.

A vitória é luz, tocha que clareia o caminho

Ellen – Calin

Meu nome é Ellen, tenho 20 anos e moro no interior de Minas Gerais. Sempre tive como maior fonte de inspiração o meu avô, que é um professor, e minha mãe que seguiu esses mesmos passos, sendo hoje, uma professora também, pude me espelhar nesses dois exemplos, meu avô sempre colocou a educação da minha mãe e meus tios como prioridade, ele sempre incentivou, quando eles concluíram o ensino médio, infelizmente meu avô não teve como arcar com os gastos de uma faculdade naquela época, e cada um seguiu um caminho distinto em relação aos estudos.

Minha mãe trabalhou desde cedo então foi adiando seu grande sonho, fazer faculdade; aos dezessete anos, conheceu meu pai, e assim se casou, formando uma família.

Atualmente me inspiro fortemente nela, devido sempre persistir nesse objetivo, hoje ela concluiu sua tão sonhada faculdade, com muito esforço, e no tempo dela.

Minha família vê o estudo como uma luz no fim do túnel por assim dizer, todos os meus mais velhos trabalharam e trabalham muito, por passarem por situações de vulnerabilidade na sociedade, eles veem o estudo como uma forma de mudar nossa realidade!

Eu me casei com dezoito anos, e fiquei um ano parada em relação aos meus estudos, porém sempre recebendo incentivo dos meus familiares para continuar, assim que sai de casa me deparei com uma realidade que foi, chocante para mim, eu não me enxergava em meio a tantas pessoas, a tantos julgamentos.

Meus amigos são de outras culturas, alguns veem o estudo como algo simbólico, apenas, enquanto eu vejo como uma necessidade, mas eles me apoiam muito, sempre fui muito ativa nos projetos que tinham na minha escola, sempre busquei participar de grupos de estudos com meus colegas.

A discriminação sempre foi presente, as pessoas julgam o tempo todo, sempre fui alvo de muitos julgamentos, no ano 2020 eu fui acusada de roubar um livro que pedi

emprestado de uma amiga, eu só queria ter a oportunidade de poder ler, e ser atacada tão severamente como fui, me partiu o coração, eu sempre achei que saberia lidar com essas acusações mas na verdade aquilo me tirou o sono por dias, como eu poderia chegar em casa após ser acusada de roubo, algo que jamais faria?

Sigo enfrentando essa discriminação, tentando ser forte e buscando cada dia mais minhas raízes, e driblando o preconceito, mas tem dias em que me sinto desconectada de tudo e todos, como se eu não pudesse criar laços de amizades sólidos com ninguém, como se eu tivesse que aceitar o fardo de ser julgada. Tudo parece tranquilo, até você dizer que é cigana. Mas continuo firme, olhando para meus primos e lutando também, cada dia a gente consegue um pouquinho a mais de espaço.

Eu espero que eu consiga concluir meus objetivos acadêmicos, e ser na minha família mais um exemplo de persistência nos estudos, além de que eu poderia mostrar aos meus primos que eles têm o direito de estudar, que estudo não é pra ser um detalhe.

Trabalho árduo e muitas vezes braçal, sempre foi presente na minha família, e executado por homens, nós mulheres sempre nos casando cedo e formando família, e muitas vezes saindo da casa de nossos pais. Gostaria que eles vissem como algo de prioridade que pode mudar o rumo e trajetória da nossa família, ia ser de uma positividade imensa, os ver se sentindo acolhidos, muitas vezes sinto que eles têm vontade, mas se sentem envergonhados e deslocados e eu quero que eles se sintam orgulhosos e sintam que, esse espaço de estudo também nos pertence!

Espero que a juventude cigana em um todo possa derrubar muitas barreiras que foram colocadas desde sempre, quero dizer, espero que nossos primos tenham acesso a estudo de qualidade e mostrem que, cigano é capaz de adentrar e permanecer em todos os espaços, que é um direito nosso.

Teci o meu caminho

Stela Gonçalves Aquino – Sinti

Hoje eu tenho MUITO orgulho de falar sobre a etnia cigana e nossa história. Qualquer oportunidade que eu tenho de falar sobre o assunto de forma séria, educativa e desfazer mitos/preconceitos, etc, eu agarro mesmo. Mas nem sempre foi assim, pois eu não sabia muito sobre o fato de minha família ter origem cigana.

Meu tataravô nasceu num principado italiano, que na época pertencia ao império austro-húngaro, mas os seus pais eram aparentemente da Eslováquia. O sobrenome é Valentic e no Brasil virou Valente. Só minha bisavó às vezes falava sobre o fato da família ser de origem cigana... Tudo isso pra falar que minha família vivia numa área muito rural, plantavam junto com outras famílias de imigrantes para sobreviver.

Minha avó até foi alfabetizada, mas ainda hoje tem muita dificuldade de interpretar o que lê, escuta na

tv, etc. Hoje ela tem Alzheimer. Mas tanto ela quanto meu avô, apesar de terem feito apenas alguns anos de estudo fundamental, sempre fizeram questão das filhas estudarem, e como eles conseguiram uma vida confortável com o comércio, puderam enviar as duas para estudar em São Paulo, capital, em faculdades privadas.

Minha tia é psicóloga e minha mãe é jornalista. Hoje eu sou professora de inglês em duas escolas privadas e tenho duas formações - jornalismo e pedagogia. E minha maior inspiração, sem dúvida nenhuma, foram meus avós. Eles não estudaram, mas sempre souberam que era importante. Os dois sempre compraram muitos livros para as duas filhas, que eu acabei herdando e crescendo no meio deles.

Meu avô era muito politizado, lia muito, lia a Folha e o Estadão todos os dias, conversava com as filhas e até comigo sobre justiça social, e ele agia muito nesse sentido, sempre com a minha avó do lado. Os dois começaram sem nada. Meu avô ficou órfão muito cedo, chegou a ter de morar na rua. Minha avó teve um casamento forçado, antes

do meu avô, teve de fugir de casa, sofreu muito, mas eles conseguiram prosperar e deixaram como exemplo cuidar dos seus, cuidar de todos, ajudar ao próximo, e sempre estudar. Se muitos ciganos ainda hoje não têm acesso a educação não é porque é ‘cultural’ ou algo assim, é porque não têm nem segurança alimentar, segurança de moradia. Com certeza todos querem ter a oportunidade de estudar.

Escolhi meus caminhos

A.K. – Rom/Lovara

Fui mãe muito cedo e por isso não pude terminar os estudos. Parei de estudar na oitava série aos 17 anos e só mais tarde com 30 voltei a estudar, fiz supletivo para terminar o fundamental 2 e o ensino médio, fiz algumas formações técnicas, e só depois com meus filhos já crescidos, inspirada na minha filha que ganhou um cursinho pré-vestibular e nos conselhos das minhas primas Elisa e Lu decidi prestar o Enem.

Senti dificuldade com a redação e outras informações que a prova pedia, mas não desisti e consegui uma nota de 542 pontos, isso me deu esperança de conseguir uma vaga na universidade, me inscrevi no SISU e escolhi as disciplinas de pedagogia e como segunda opção biblioteconomia. Esperei sair a primeira chamada da aprovação, mas meu nome não estava nela, depois saiu a segunda chamada, mas meu nome também não estava

nela. Somente na terceira chamada eu consegui entrar na lista do curso que eu tinha escolhido como segunda opção, Biblioteconomia.

Aos 40 anos eu estava ingressando na universidade, sentia muita dificuldade e o fato de ser a mais velha do curso me deixava um pouco isolada. Hoje eu estou no sétimo período, passei por uma pandemia, perdi meus sogros para covid, senti muita dificuldade de conciliar afazeres de casa e trabalho com a universidade, mas graças a motivação da minha família, das minhas primas e professores venho me mantendo firme no caminho acadêmico. Recebi uma bolsa de estudos da AMSK que me auxilia demais a continuar e às atividades de extensão que ampliam muito o meu olhar.

Agora aos 44 sigo sonhando e quase concretizando a minha formação, em breve serei bibliotecária e seguirei a minha carreira com muito amor. Tudo acontece no tempo de Deus, e eu não me sinto atrasada, me sinto felizarda por poder estar vivenciando tudo isso. Me sinto mais forte!

Meu esquadro, minhas regras

Melissa – Matchuana

Desde que me lembro, meu pai sempre me incentivou a estudar.

Sei que meu pai foi nômade até os 6/7 anos de idade, mais ou menos, mas assim que sua família se fixou, ele começou a frequentar a escola e sempre se interessou principalmente por ciências naturais e matemática e foi o primeiro da família a completar o ensino médio, mas infelizmente, não conseguiu terminar a faculdade por ter que se dedicar ao trabalho.

Então ele sempre incentivou bastante todos os seus filhos a ir para a escola. Mais do que isso, ele sempre acompanhou nossos estudos e sempre gostou de discutir com a gente sobre o que a gente aprendia na escola. Lembro de chegar em casa da escola e conversar com ele sobre física, química, matemática, biologia, história, gramática... sobre todas as matérias, na verdade. Às vezes ele me ensinava

coisas e às vezes, era eu quem ensinava. Considero que herdei meu amor à matemática (e ciências exatas, no geral) dele e desde que me lembro, matemática é minha matéria favorita.

A maioria dos meus primos não terminou a escola, mas meus pais sempre deixaram bem claro que eu deveria dar prioridade aos meus estudos, então minhas tradições familiares não atrapalharam meus estudos. Mas é claro que nem tudo foi tão fácil. Para que eu pudesse me dar bem na escola, meus pais me ensinaram que eu deveria esconder minha etnia e isso sempre foi muito difícil. Eu não conseguia falar muito sobre nada relacionado à minha família, além de que não sabia como me comportar com relação a algumas coisas, não sabia como eram algumas das tradições gadjikanê e muitas vezes não sabia diferenciar entre português e romanês. Isso é muito complexo para uma criança de 5, 6 anos.

Acabei criando pavor de que descobrissem sobre as minhas origens, o que me rendeu traumas que carrego até hoje. Foi aos 14 anos que resolvi falar abertamente sobre

minhas origens.

Tirei um peso de cima de mim, mas também passei a ouvir coisas ruins, claro. Sempre tem aquelas “piadinhas” de que as pessoas têm que esconder o celular perto da gente, ou que moramos debaixo da ponte. Uma vez, um professor chegou a dizer, na frente da turma inteira, que ciganos roubam galinhas, mesmo sabendo que eu era cigana. Mas lembro até hoje da felicidade de ver o olhar de orgulho e surpresa do meu pai, quando eu contei que tinha falado na escola que era cigana.

Claro, que hoje em dia as coisas ainda não são perfeitas, mas melhoraram. Ainda ouço muitas coisas desagradáveis, sei que na maioria das vezes as pessoas veem a cultura cigana como algo muito ruim, ultrapassada, perigosa e suja. Além disso, principalmente em ambientes de exatas, sinto que muitas pessoas tendem a desprezar práticas culturais diferentes e tratá-las como ultrapassadas ou como crenças de pessoas “sem escolaridade” ou que “não entendem ciência”. Mas hoje eu amadureci e sei lidar melhor com tudo isso, sei que não devo me importar muito

com essas coisas, sei quando vale à pena ou não rebater e sei que o que as pessoas falam e pensam, muitas vezes diz mais sobre elas do que sobre mim ou sobre o meu povo.

Hoje eu sou mestra em matemática, estou cursando o doutorado e sei que devo tudo isso principalmente ao esforço do meu pai. Sei que muitas pessoas dizem que eu não sou cigana de verdade por estar estudando, mas sei também que me tornei um motivo de orgulho para a minha família e isso é o que realmente importa para mim.

Ainda estamos vivos, certo?

Thainan Guimarães Barbosa – Rom/Lovara

As pessoas que mais me inspiraram a ter a educação como prioridade foram meu pai e, principalmente, minha avó materna.

Lembro que minha vózinha sempre dizia que se tivéssemos oportunidade de estudar e aprender o que quiséssemos era para seguirmos em frente pois ela não teve oportunidades para seguir tal sonho. O mínimo que fosse aprender um idioma novo ou até mesmo aprender a tocar algum instrumento, era para a gente não desistir e eu tento seguir seus conselhos do jeito e o máximo que posso.

Pelo fato de vir de famílias onde ter o básico já era uma conquista e poucos foram os que conseguiram terminar o ensino superior, ser uma das que seguiu os estudos até o final é uma grande vitória, não apenas pessoal, mas para toda família e comunidade.

Seria ótimo, também, ver o mesmo se realizar em

mais famílias ciganas. Estamos aí na luta para incentivar outros, não apenas jovens, mas toda e qualquer pessoa que ainda tem o sonho de terminar —ou até mesmo começar— os estudos.

Agora, falar de incentivo pessoal é uma questão complicada. Entendo que, se compararmos as oportunidades de estudar o que queremos com o que podemos, o coração com a razão, o lado racional sempre tem mais força. Porém tento não me deixar abater por me sentir limitada criativamente.

E você que está lendo esse pequeno relato, espero que também não desista dos seus sonhos. Quem sabe um dia consigamos seguir nosso coração e, finalmente, ter a oportunidade de seguir em frente com aquilo que nos faz bem e realizados. Ainda estamos vivos, certo?

Sou as minhas raízes

Isabella Castelhana Garcia – Kalon

Nasci em uma família de pai cigano e mãe gajin negra. Minha infância e adolescência foram bem conturbadas pela rigidez de casa, porém meu pai sempre me incentivou a estudar se eu quisesse fazer alguma diferença para o nosso povo e orgulhar nossos ancestrais.

Fui bolsista em uma das melhores escolas de São Paulo por esforço do meu pai e entre muitos problemas decidi fazer Direito. Me apaixonei pelo Direito quando percebi que posso utilizá-lo para ajudar muitos ciganxs que necessitam, atualmente estou no 2º semestre e estou mais feliz que nunca estudando o que eu amo.

Conto pedras para construir caminhos

Carolina Guimarães Barbosa – Rom/Lovara

Minhas avós me inspiram. Muito. São elas as duas mulheres que moldaram minha visão de mundo e me inspiram não só a continuar caminhando, mas também a me colocar no mundo enquanto sujeito ativo, enquanto gente.

Minha avó materna conseguiu estudar por pura sorte. Sem exagero, foi sorte mesmo. Filha de uma lavadeira e um homem desquitado, ela e os irmãos só conseguiram ter documentos depois de adultos.

Mas todos foram alfabetizados ainda na infância por uma “madrinha”, pois minha bisavó lavava a roupa de uma senhora cuja filha era professora. Minha vó me ensinou a valorizar a educação, ela dizia que estudar era um privilégio, mas nisso discordo de vovó, porque estudar é um direito e nenhuma criança deveria ter de contar com a sorte para ter seus direitos atendidos.

Minha avó paterna, por outro lado, morreu sem

jamais ter aprendido a escrever seu próprio nome. Ela era analfabeta, mas sua sabedoria e força de vontade eram extraordinárias. Depois de se separar e ser escorraçada (para não dizer “amaldiçoada” por ser considerada uma mulher “suja”), ela migrou do interior para a capital do Rio com os 5 filhos e criou todo mundo sem a ajuda de ninguém, só com a gana de ver os filhos serem alguém na vida.

Quando paro para pensar na vida que elas levaram há 60, 80 anos, eu percebo a quão afortunada sou.

Eu tenho muita consciência das oportunidades que tive e tenho. O que minhas avós viveram me trouxe até onde estou hoje.

Eu poderia citar outras mulheres e homens da minha família, bons exemplos não faltam, mas minhas matriarcas são minha raiz. Elas me ensinaram a valorizar a educação, a pensar sempre além e a valorizar a minha força interior.

Sigo adiante ... as respostas estão logo ali

L.C.A – Rom

Sempre tive incentivo e apoio para estudar, minha linhagem é por parte de mãe, e ela é uma das mulheres mais inteligentes que eu já conheci. Para mim nunca foi dúvida ou algo a ser discutido, sempre foi bem claro, buscar conhecimento.

Quando era bem mais nova acredito que sofri um pouco surgiu o boato de que eu era cigana, mas “só” foram alguns burburinhos. Um dia quero poder fazer a diferença para nós e o nosso povo, já que EXISTIMOS sim. Eu gostaria também de poder me entender como cigana, e se posso ser considerada uma (estou na caminhada)

Muita coisa se perdeu na nossa família, muitos resolveram esquecer ou deixar para trás.

Gratidão pela oportunidade, paciência e me perdoe pelo relato minúsculo.

Sua iniciativa é linda e muita abençoada.

Construí, sigo construindo. Construirei ainda mais.

Nicholas Jade Souza Carvalho – Sinti

Meu nome é Nicholas Jade, sou um homem trans sinti de 21 anos que cresceu no Rio de Janeiro, mas a minha família e comunidade se estabelecem no interior do sul de Minas. Atualmente, eu curso Relações Internacionais na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, escolhi este curso porque somos um povo sem território, e para mim não há lugar melhor para falar sobre nós do que no campo internacional, somos parte do mundo como um todo, onde houver estradas para caminharmos e céus sobre nossas cabeças.

Eu estou no curso superior, e pretendo ser o primeiro da minha família a se formar. Minha irmã mais velha fez supletivo, e a segunda teve que abandonar o curso de direito para trabalhar e conseguir se sustentar. Eu estou na faculdade como uma promessa à minha mãe, minha maior inspiração. Uma mulher cigana que foi tomada de sua comunidade quando tinha apenas quatro anos de

idade, e vendida para o Rio de Janeiro para servir como empregada doméstica em casa de família em um trabalho análogo à escravidão. Minha mãe não teve a possibilidade de estudar, por causa das tradições. Não a tradição cigana, mas a tradição colonial e racista deste país que pensa ter direito sobre nossos corpos, que nos desumanizam e escravizam. Minha mãe era uma mulher marrom de pele escura, que infelizmente não está mais aqui, e não teve a oportunidade de me ver ingressar na faculdade, e nem me verá se formando.

As consequências da violência de sua juventude cobraram o preço, então minha maior inspiração reside em minhas preces, e é por ela que eu prossigo nesta luta, afinal eu quero que a história dela, e de outros, não seja apagada. Não quero que esse ciclo escravagista continue se perpetuando, e é esse o objetivo da minha luta e dos meus estudos.

Honrar ela, honrar meus avós, minha família e comunidade, cujas vozes merecem ser ouvidas, e eu pretendo espalhá-las pelo mundo inteiro.

Inspirada nas mulheres que amo

Mellina Gabriella Anoviche

Rom/Xoraxani e Matchuaya

Confesso que falar sobre inspirações é ainda, algo íntimo e amedrontador, para mim. Fui criada em uma dualidade gigantesca. De um lado da família, fui ensinada que precisava esconder quem eu era, por conta do anticiganismo, obviamente. Do outro lado, que deveria bater no peito e gritar aos 4 ventos que eu sou cigana sim, com orgulho.

Minha mãe é minha inspiração, sempre foi. Ela me ensinou (e ensina, até hoje) a ser uma mulher independente sem negar minhas raízes.

Como não a colocar de inspiração? Sempre que ela tinha um problema, buscava um ensinamento de suas tias. Era uma oração, uma bebida, até um dogma do qual eu nunca tinha ouvido falar.

Admito que por conta dessas histórias, sempre tive

muita vontade de conhecer minha bisavó e minhas tias-avós, já que os olhos da minha mãe se enchiam de lágrimas ao falar sobre elas.

Eu tenho sim, muitas, mas muitas diferenças com a minha mãe, mas como eu não poderia colocar em primeiro lugar, uma pessoa que em meio a muita dificuldade para nos criar sozinha, sempre colocou a nossa infância (minha e do meu irmão) em primeiro lugar.

Ingênua como sou, achava que ir ao McDonald's as 3 da manhã com travesseiros na mão, era algum passeio em família, e não uma renda para nos sustentar. É, mãezinha. Você faz uma garrafa de coca-cola amassada e um chá mate virar um remédio milagroso, como pode?

Minha outra inspiração, se chama Aparecida. Ai, tia Cida! Eu sinto tanto por você, pelo marido imprestável que tinha....

Tia Cida me ensinou a falar romanês, e muito bem. Era um doce, sabia corrigir minha pronúncia de um jeito firme, mas sem ser grosseira. Na época, eu nunca entendia o porquê de ela aparecer em casa tão tarde da noite, tão

machucada e cheia de hematomas, mas hoje, infelizmente entendo. Espero que hoje esteja bem e estável, de verdade.

A minha inspiração está em todas as romnis. Pela minha mãe, Natalia, que não podia frequentar a escola por medo de saberem que ela era romni e usarem isso contra a família, de alguma forma. Pela tia Cida, que sofria calada, mas que resistia através de seus ensinamentos aos mais jovens. E especialmente, a minha Madrinha, Marina, que infelizmente não está mais entre nós. Madrinha, sei cantar “cai cai balão” em romanês até hoje por sua causa. Nunca vou esquecer das suas últimas palavras: “Eu quero te ver numa faculdade, e com um raklo bem bonito! Não vai me inventar de casar antes de estudar, viu?” Estou seguindo direito, te prometo, madrinha.

Filosofias ... vidas.

João - Kalon

Acredito que tenha sido minha mãe. Ela me apresentou filosofias e modos de ser que me fizeram reacreditar na vida.

Aprendendo a voar

Veruska Castello Banco de Vasconcelos - Sinti

Inspiração é muito importante, para seguir em uma direção com sentido na vida, para melhorar e para sempre lembrar de quem somos. Minha primeira grande inspiração é minha mãe, Voria Stefanovsky.

Talvez porque vi de perto toda sua luta, senti dores e vivi alegrias com ela, no seu caminho acadêmico, pessoal, profissional e na sua luta pelos nossos direitos. Ela teve que passar por um processo muito difícil para estudar e por muitas barreiras, mas deixou um horizonte amplo para escolher por onde seguir e que apesar de toda a pressão que existe para que não ocupemos lugares de poder cada passo é importante e deixa também horizontes mais amplos pra que vierem depois de mim.

Chega um momento que lutar não é a melhor estratégia, mas sim existir e crescer a cada dia, ocupar espaços, resistir.

Aprendi muito disso e me inspiro na trajetória e trabalho de minhas tias Elisa Costa e Lucimara Cavalcante, da Associação Internacional Maylê Sara Kali AMSK/Brasil. Além da produção acadêmica, a trajetória política e como ativistas, nos representando onde precisamos ser vistos, além de tudo isso são pessoas íntegras, são tias que me inspiram a ser mais e abarcar mais, a saber que as transformações são possíveis.

Essas três mulheres continuam sendo minhas referências e fontes de inspiração, mesmo quando acredito que não posso ir além ou que já não tenho outras alternativas. Uma vida melhor sempre é possível.

Meu sonho possível.

J.R.J – Rom/Lovara

Sou natural do Rio de Janeiro, e minha família tem origem humilde, sou descendente de romanis e sempre tive exemplos como o de meu pai que começou a trabalhar aos 14 anos já itinerante sozinho, e eu não queria ter o mesmo destino, pois já via nos jornais e filmes pessoas que com o conhecimento garantiam a qualidade de vida que meu pai sempre almejou, mas que o trabalho nunca permitiu.

Parei de estudar no 2 grau, antigo ginásio, para trabalhar, mas consegui convencer meus pais de que poderia estudar a noite, numa espécie de supletivo. Era o mais novo de minha turma noturna, com então 16 anos fazia trabalhos com senhores gadjé de mais 40.

Entrei para a faculdade de Desenho industrial aos 19 anos e lá fiquei por 3 anos até que uma agência de design me convidou para trabalhar com eles por terem visto um trabalho meu na faculdade, o que me fez ganhar um salário

digno e contribuir mais em casa. Fiz diversos cursos, me especializei em arte finalização gráfica na RRDonnely e trabalho com design até hoje em dia. Mas, assim como meu pai, que tardiamente se formou em geografia, muito sob pressão minha pois ele adorava mapas e coisas afins, estou de volta a sala de aula para uma paixão minha, a física, estou atualmente cursando Física na universidade federal de Alagoas e espero me formar em breve.

Eu hoje insisto para que meus filhos tenham uma vida “escolar” melhor do que a minha, e luto para que eles entendam que o conhecimento é libertador, que o ensino abre portas que a tradição por muitas vezes insiste em manter fechadas. No meu caso meu maior exemplo foi meu pai tanto para o bem como para o mau, pois ele parou de estudar cedo e foi trabalhar, mas também me mostrou que nunca é tarde para se realizar um sonho.

As mulheres da AMSK/Brasil

“Dizem que lemos o futuro na palma da mão, mas o que queremos é ler o presente nas páginas de um caderno, o nosso passado nas páginas de um livro”. Autora(o) desconhecida.

Fiquei pensando em tudo que já ouvi sobre o desafio de estudar... E foram muitas histórias. Então, quero dividir com vocês um pouco das minhas memórias. Das memórias e lembranças das meninas, adolescentes e hoje mulheres sinte calin, romnia ... de muitas etnias, idades e cidades). Para isso, convidei as mulheres da AMSK para escrevem juntas....

É incrível que até hoje, quando fechamos os olhos, sentimos o vento e o cheiro do Tchaiô (chá tradicional dos Rom e Sinte) que ele traz, é inevitável a memória. Entre a leveza com que as crianças sonham e o peso de ser tudo aquilo que acham que você é, sem nunca terem te conhecido. O café hospitaleiro dos Calon e os pães dos mais variados sabores que só os sinte sabem os segredos...romni e o sarmá.

Cheiros, sabores e estradas.

São de fato dois mundos, divididos em várias camadas e como toda sociedade, seus meandros e caminhos são múltiplos. Cada etnia possui o seu.

Penso que toda criança entra na escola, sonhando com cores, papéis, correrias, brincadeiras e vai sem querer, aprendendo e abrindo um mundo diferente. Bom, não é diferente conosco.

A gente só começa a perceber que as coisas são distintas, quando não nos vemos na escola, quando abrimos o dicionário e vemos que somos errantes e boêmios, quando vem a instrução para jamais se identificar... essa foi a nossa geração. Boca fechada não entra mosquito.

Filhos de árabes, turcos? Às vezes conseguimos passar invisíveis, às vezes não.

Às vezes tem o tal do uniforme. Muito difícil. Nunca tem cor o suficiente, ou é curto demais... ou perguntam: Se você estudar, deixa de ser cigana? Confesso que depois que formamos, essa indagação não passa.

Por vezes é melhor entrar mudo e sair calado.

Vocês não imaginam o valor de um abraço.

A vontade de contar que a pobreza não atinge essa infância, porque nossa família é grande, sempre é. Que passar batom, colocar perfume, dançar, trocar tudo e ter suas vontades atendidas são a forma mais comum de carinho e amor. É o medo da morte, quando ela chega, leva tudo, te deixa seca por dentro (esse é sempre o nosso maior medo).

São dois universos distintos e viver no meio dos dois é quase uma obrigação de nascença ou uma sina, como queiram.

Mas não somos todas e todos iguais. Os meninos podem mais, não tem como identificar, nem por isso, independentemente de onde e em qual escola estudar. Ano retrasado – 2019, um sobrinho ouviu de um colega que os pais dele não deixariam o amigo ir a sua casa para jogar videogame porque não se pode ter amizade com essa raça. Pensa o que é isso para uma criança de 11 anos.

Mas, se você ler a mão da coleguinha, você é bruxa, se você não lê, é cigana de araque. Se seu cabelo é

comprido, você é suja, sai da escola e mora em acampamento, jogam pedras e te chamam de imunda e vigarista. Se passa batom e começa a se maquiar, já está avançada demais e vai influenciar as outras meninas, não é boa companhia. Se deixa de frequentar a escola, ninguém pergunta por quê. E vem aquela sensação horrível de nunca ter existido do outro lado dessa “fronteira”.

Se frequenta a escola mais tarde é cigano burro, o que tá fazendo aqui? Desde quando cigano estuda? Vocês odeiam a escola.

Temos uma língua reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 2015 – o Romanês.

Ou seja, ainda temos de transitar entre os dialetos. Nascemos bilíngues. Penso na ronmí (mulher) que não pode entrar no primeiro dia de faculdade porque estava fantasiada e a faculdade não permitia esses trajes, em 2016, no Distrito Federal. “Ela estava tão feliz que decidiu ir com sua roupa típica”.

Ou da prima que foi alfabetizada aos 12 anos,

por imposição da Igreja, pois foi retirada dos pais com a suspeita de ter sido raptada. “Afim de contas, os ciganos roubam crianças”. Era loira, ciganos são escuros. cursou três faculdades, mestrado e doutorado.

Ou ainda da romm professora que passou 50 anos escondendo seu pertencimento e tirando do obscurantismo, tantas crianças com altas habilidades. Os pais não queriam uma “cigana” de professora.

Às vezes nas festinhas de carnaval alguém sempre sugere a “fantasia de ciganinha ou de pirata” e quando vamos vestidas a caráter (como dizem), as pessoas costumam dizer: “mas isso não é cigano”. Segue a imagem do Piratas do Caribe a todo vapor.

Entre o bizarro e o inacreditável, acreditem isso é desconcertante. Para além de que todos nós somos espíritos, mexemos com bruxaria e adivinhamos o futuro. Não temos rosto nos livros, nas escolas, nas faculdades e nem na vida das outras pessoas.

Que futuro é esse, negado desde os portões das escolas ou faculdades?

Não sei o que pensam, sei que quando conhecem, podem mudar muitas coisas. Os sonhos, as cores, os papéis e os lápis, não escolhem quem os desenha...

Somos também crianças e infâncias crescidas, sonhos pela metade e descobertas por vir, sem tempo marcado.

Como qualquer outra criança, queremos existir, fazer parte. Compreendo o medo dos nossos pais e o despreparo de alguns deles, mas não é justo termos de optar entre ser e não ser, para sermos de fato pessoas. Dentro e fora de nossas etnias.

Estudar, ensinar e aprender é construir caminhos.

Não precisam ser iguais, não precisam ser exatos, precisam apenas ser humanos.

Hoje, do outro lado das memórias que agora contamos, temos a convicção que podemos andar junt@s. As meninas e as mulheres. O passado e o presente.

(Se o caminho é longo, não se deve andar sozinho).

Um beijo no ilô (coração) de cada um de vocês.

Orgulhosamente, lhes agradecemos por folhear

essas páginas de inspiração conosco. Os anos passaram e 10 anos depois começamos a questionar e a fazer o que era preciso, traze a tona, alguns desses desabafos.

Algumas perguntas que nos foram feitas:

Por que não continuou andando desde 2013/2014? Dois fatores cruciais. Primeiro o golpe de 2016 que retirou a Presidente Dilma Rousseff do poder e com isso desestabilizou os processos organizacionais que estavam em curso. A educação, a agenda das mulheres e os programas de acesso a moradia foram os que sobreviveram sozinhos, ou seja, tocamos do jeito que deu sem apoio algum. As agendas da Saúde, das Infâncias, controle e participação social, avançaram com apoios isolados, mas resistiram e seguiram caminhando com certa constância. A defesa dos Direitos Humanos, levamos na raça e no braço.

O segundo fator foi o aumento do ódio e com ele as Fake News. Entretanto o tempo das águas faz isso mesmo, coloca o curso das coisas no lugar. Destampa tudo e nos ajuda a reorganizar as coisas.

O que andou? O sonho e a coragem ... a inspiração.

Vencemos.

O mais bonito em todo esse processo, foi poder renovar as forças e perceber que no meio de tantos desencontros, o sonho de uma educação que transforma vidas é possível, cada qual do seu jeito, da sua cor, do seu tom.

Quando pensamos que nossas fantasias, desejos, realidade e afins são só nossos, descobrimos que “os sonhos sonhados por muitos, se encontram de alguma forma e entre tantas distancias, algumas inimagináveis. Somos fios condutores de realizações”.

Tanto o anticiganismo como a romafofia, fazem parte dessa caminhada. Muitas vezes impregnada nas agendas de governo, na fala de agentes públicos e copiados não só pelos próprios da etnia, pela ignorância que o mesmo mecanismo desencadeia, quanto pela sociedade em geral.

Para além do mundo mágico e fantasioso, o I.N.S.P.I.R.A te abre as portas do nosso universo real.

Elisa Costa

Vocabulário:

Gadjo ou Gajo – não pertencente a etnia.

Anticiganismo e romafobia – são as formas de racismo contra a etnia romani.

Cigano – palavra criada pelos colonizadores a fim de identificar a etnia. Pejorativo e leviano. Entretanto o Brasil ainda usa o termo em várias instancias.

Da autora



Elisa Costa

Pós-graduada em Humanização e Cuidados Paliativos. MBA em Saúde Coletiva. Bacharel em Ciências da Saúde Natural. Tecnóloga em Práticas Integrativas e Complementares. Acupunturista e Homeopata pela UFV. Fellow ASHOKA desde 2018. Defensora dos Direitos Humanos, ativista e Feminista Români. Membro da RAC - South América

Roma Advisory Council. Presidenta da AMSK/Brasil e vice presidenta da Union Romani Internacional/IRU South América. Reconhecimento Cameral Bolívia/2018 e Prêmio Excelência e Qualidade Brasil/Profissional do Ano/2024 pela Revista Qualidade Brasil de Líderes, recebe o título de Comendadora. Membro Imortal da AILA – Academia Internacional de Letras e Artes Romani do Brasil/Afiliada ALB. Seus trabalhos mais expressivos são nas áreas da Mulher, direitos das crianças e adolescentes, Saúde, escrita e literatura descolonialista para o combate a romafofia. Coordena o caderno digital Homeopatia para mulheres/ Homeopatas dos pés descalços e a Cozinha dos Vurdóns.

Gosto de pensar que pessoas são universos e, portanto, nunca estão sozinhas. O exercício constante para transformar sonho em realidade, nos dá musculatura no exercício de nos tornarmos melhores. Talvez vocês conheçam milhares de pessoas que romperam ventos e atravessaram tempestades, para conseguirem existir entre papel e lápis. Talvez não conheçam nenhuma. Não tem problema. Hoje trazemos pessoas inspiradoras.



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA